
A biblioteca universitária na formação de professores: uso de recursos eletrônicos e digitais na pesquisa científica

Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Professor do PPGCIN/UFRGS
Doutor em Comunicação e Informação
rodrigo.caxias@ufrgs.br

Francine Conde Cabral

Mestranda em Ciência da Informação - PPGCIN/UFRGS
Bacharel em Biblioteconomia
fcondecabral@gmail.com

Lays leggle leggle

00018995r@gmail.com

Jéssica Paola Macedo Müller

Bacharel em Biblioteconomia
Assistente de Publicações na Sociedade Brasileira de Computação
jessica.muller@ufrgs.br

Patricia Valerim

Mestranda em Ciência da Informação – PPGCIN/UFRGS
Bacharel em Biblioteconomia
patricia.valerim@gmail.com

Patrícia Saldanha

Mestranda em Ciência da Informação – PPGCIN/UFRGS
Bacharel em Biblioteconomia
patricia.saldanha@maristas.org.br

Luziane Graciano Martins

Bacharel em Biblioteconomia
Mestranda em Ciência da Informação – PPGCIN/UFRGS
Luzigracin@gmail.com

Sabrina Clavé Eufrásio

Bibliotecária-documentalista – IFECT – Campus Canoas/ RS
Mestranda em Ciência da Informação - PPGCIN/UFRGS
sabinaceufrasio@gmail.com

Recebido em: 15-07-2021 Publicado em: 02-09-2021

Resumo

Analisa a utilização de recursos eletrônicos e digitais na formação de professores contextualizada em três bibliotecas universitárias: a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio Grande do Sul e a Universidade de Passo Fundo. As interrelações entre cultura e educação, e a capacidade dos sujeitos entenderem e se adequarem à nova cultura emergente, ocorrem por meio de plataformas digitais e da virtualização de informações. Busca-se compreender se os recursos eletrônicos de informação são elementos potencializadores do papel didático-pedagógico da biblioteca, centrados na busca e recuperação de informações, sendo parte embrionária do processo de pesquisa. Tais constatações implicam em redimensionar a instância “biblioteca”, a fim de que possa se transformar em núcleo cultural, reflexivo, e voltado, fundamentalmente, à formação dos sujeitos, tendo a pesquisa como eixo articulador dos processos político-pedagógicos.

Palavras-chave: Biblioteca universitária. Formação de professores. Pesquisa. Cultura da virtualidade. Tecnologias da informação e da comunicação.

The university library in teacher education: use of electronic and digital resources in scientific research

Abstract

This study analyzes the use of digital and electronic resources in teacher’s formation in three university libraries: the Federal University of Rio Grande do Sul, the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul, and the University of Passo Fundo. The interrelationships between culture and education, and the personal ability to understand and adapt to the new emerging culture happens in cyberspace through the virtualization of the information. In this paper we investigate whether the electronic resources of information are elements that enhance the didactic-pedagogical role of the library, being centered on the search and retrieval of information, and becoming a core part of the research process. Finally, the study indicates the need to qualify the library so that it becomes a cultural and reflective space, focused on people’s education, where research is the axis that articulates the political-pedagogical processes.

Keywords: University library. Teacher formation. Research. Virtuality Culture. Information and communications technology.

1 INTRODUÇÃO

Papéis tradicionalmente desempenhados por bibliotecários em diferentes unidades de informação, assim como práticas informacionais efetivadas nesses espaços, têm sido redimensionados em razão de que as tecnologias da informação e comunicação (TICs) contribuem de forma significativa para a ressignificação do *modus operandi* que potencializa processos de emancipação formativa.

Especificamente em relação às bibliotecas universitárias, esse *modus operandi*, engendrado pela cultura da virtualidade, produziu dinamizações nas formas de obtenção, recuperação, uso e compartilhamento de informações, anunciadas como possibilidade de aproximações entre ensino e pesquisa. As mencionadas confluências ocorrem em razão da utilização dos recursos eletrônicos e digitais como alternativas de aprendizado e produção científica. As tecnologias da informação e comunicação estreitam os limiares entre produtores e consumidores de conhecimento, potencializando a problemática da pesquisa como alternativa de aprendizado e construção de saberes.

No entremeio de tais acercamentos, concepções que bibliotecários e professores compartilham quanto à efetiva participação da biblioteca universitária como cerne do processo educativo, projetam que esse espaço possa ser explorado em sua plenitude, visto que sua potencial utilização pode efetivar alternativas de produção de conhecimento científico. Especificamente em relação a área da Educação, o desprovimento de práticas pedagógicas que propiciem conhecimentos durante a formação dos professores, concernente às potencialidades educativas relacionadas à Biblioteconomia, reforçam o hiato que necessita ser repensado quanto à formação dos professores: a desvinculação entre pesquisa e ensino com foco nos recursos, produtos e serviços disponibilizados pelas bibliotecas universitárias.

Ao lançarmos projeções que vinculem a biblioteca universitária à formação de professores, observamos incompatibilidades quanto à sua constituição como espaço de ensino-aprendizagem, ainda que este espaço esteja formalmente explicitado como alternativa para execução de atividades nos currículos dos cursos de pedagogia. Em geral, ao ingressarem nas universidades, são oferecidas oportunidades pontuais para os alunos aprenderem a usufruir desse ambiente e de seus recursos.

Diante dessa perspectiva, é preciso discutir o quanto a biblioteca universitária pode ser compreendida como *locus* que aproxime ensino e pesquisa, materializado através de práticas pedagógicas que tenham como fundamento os conhecimentos adquiridos pelos bibliotecários oriundos da sua formação e prática profissional.

Em razão dos aspectos mencionados, este estudo, através da perspectiva da Teoria Crítica da Educação, analisou em que medida recursos eletrônicos e digitais de informação, selecionados e disponibilizados nas bibliotecas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Pontifícia Universidade Católica do Estado do Rio Grande do Sul e da Universidade de Passo Fundo são utilizados, para aproximação entre pesquisa e ensino, pelos professores e alunos de graduação dos cursos de pedagogia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando a riqueza pedagógica inerente ao uso das fontes de informação, dos

produtos e serviços disponibilizados por bibliotecas universitárias, defendemos a necessidade de melhor compreensão e problematização acerca da atividade de pesquisa em diferentes espaços educativos. A compreensão da biblioteca universitária como local de edificação de conhecimentos se constitui o foco das problematizações propostas neste estudo. Tal assertiva indica a necessidade de se criar uma atmosfera educacional articuladora da pesquisa e do ensino, no sentido de proporcionar condições para que os alunos sejam protagonistas de seu processo formativo.

A máxima de que não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino indica que a educação não é um tema que se esgote em si mesma (FREIRE, 1996). Ela só tem sentido quando contextualizada com base na cultura e na vida dos seres humanos (FREIRE, 1987). No contexto da sociedade denominada “da informação e do conhecimento”, merece atenção o quanto a pesquisa atrelada ao ensino pode se constituir como mecanismo de liberdade ou de dominação. Isso por que, especificamente em relação a formação de professores, esses processos têm sofrido consequências advindas da chamada “cultura da virtualidade”, produto das relações de dominação através da qual se travam embates ideológicos que alicerçam ações e teorizações educativas em relação as tecnologias.

Tendo por referência essa perspectiva intelectual, tal compreensão exige atenção especial dos educadores, pois as práticas de formação cultural estão articuladas a uma dinâmica que tem sua lógica concreta e argumentativa alicerçada no uso e redes de informações. Ao imbricarem-se levantam suspeitas do quanto a cultura da virtualidade venha a se traduzir em uma cultura global, no sentido de que sua efetivação e amplitude propicie substantivas, potenciais e inusitadas formas de construção e apreensão de conhecimento. As dualidades e correlações que o conceito de cultura comporta, possibilitam que relativizações sejam feitas sobre a pluralidade de significados atribuídos a essa categoria social. Mesmo nas instituições educacionais, a ideia de cultura tem sido constantemente simplificada. A formação cultural tem atuado como edificadora de padrões de consciência, não apenas através da imbricação entre comportamentos coletivamente assumidos, mas, em grande parte, por meio de novas facetas da indústria cultural, que constroem imagens idealizadas de escola, de universidade, de sujeitos, de mídias e de sociedade. Tais projeções, obrigatoriamente, requerem que se questione em que medida as novas tecnologias da informação e da comunicação podem estar sendo concebidas e utilizadas como instrumentos de reprodução da ideologia dominante, depauperando e instrumentalizando processos educativos. Cabe atentar para o fato de que as ações educativas trazem em suas dinâmicas os reflexos de uma sociedade constituída em classes sociais, marcada profundamente por diferenças socioeconômicas e pelo refinamento nos processos de educação bancária. No contexto a que se está submetido, condicionado e diante da sua complexidade, urge a pertinência de que se proponham práticas reflexivas, críticas e emancipatórias como forma de desvelar a anunciada cultura.

Nessa ótica, a pesquisa emerge como princípio educativo capaz de questionar os processos sócio-educacionais e de, concomitantemente, possibilitar a produção de novos conhecimentos, objetivando transformar a situação, o ambiente em que se vive. Para isso, precisamos incorporá-la às práticas cotidianas, aos currículos dos cursos de formação de

professores e de bibliotecários, aos processos de formação continuada desenvolvidos tanto nas escolas quanto nas universidades e nas bibliotecas, intencionando construir leituras de mundo desalienadas; capazes de desvelar, de interpretar os espaços sociais, históricos, culturais, econômicos, políticos e suas implicações nos processos educacionais.

Por conseguinte, a pesquisa é uma atividade dinâmica na qual o indivíduo se envolve integralmente. A construção do conhecimento que se efetiva através dessa atividade se traduz na ressignificação formativa do sujeito educativo. A pesquisa funciona como referência, na qual o educando permite se ouvir, ser questionado e questionar a partir de outros conhecimentos que incorpora. Ao sofrer metamorfoses constantes a pesquisa modifica o indivíduo que pesquisa, ao considerar uma dinâmica que se forja na relação entre o educando e o conhecimento relacionado ao objeto de estudo abordado. Com isso, transforma as concepções que os sujeitos têm a respeito de sua teoria e prática educativas, desencadeando não só a ação, como também a reflexão sobre as ações; dialeticamente entendendo e repensando seu objeto de pesquisa, bem como o olhar que adota sobre o objeto, sobre si mesmo e sobre a sociedade.

Relativo a formação de professores, esse entendimento de pesquisa extrapola compreensões sobre a instrumentalização das formas de produção do conhecimento, pois é capaz de catalisar o processo de construção de saberes, em um fazer emancipatório, permitindo que os sujeitos elaborem seu conhecimento individualmente tendo a coletividade como referência, partindo do contexto concreto de atuação profissional e cidadã dos pedagogos. Concordamos, desse modo com Demo (1999, p. 16-17) a partir da ideia de que a pesquisa é

[...] o processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como princípio educativo que é, na base de qualquer proposta emancipatória. Se educar é sobretudo motivar a criatividade do próprio educando, para que surja o novo mestre, jamais o discípulo, atitude de pesquisa é parte intrínseca. Pesquisar toma aí contornos muito próprios e desafiadores, a começar pelo reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe superar-se. O caminho emancipatório não pode vir de fora, imposto ou doado, mas será conquista de dentro, construção própria, para o que é mister lançar mão de todos os instrumentos de apoio: professor, material didático, equipamentos físicos, informação. Mas, no fundo ou é conquista, ou é domesticação.

Acerca dessa dicotomia diversos autores têm analisado a pesquisa como elemento crucial à prática e à formação do professor. Dentre eles, Lüdke (1997) discute a articulação entre pesquisa e prática pedagógica no trabalho docente, assim como a formação do professor-pesquisador e do pesquisador-professor. Na mesma linha de intelecção, André (2001) propõe problematizações acerca das condições concretas para a produção de uma pesquisa do professor-pesquisador e sua integração com a prática pedagógica.

Ao refletirmos acerca da educação e dos conhecimentos produzidos a partir de novos temas forjados, produto das contradições, observações e aproximações dos professores e de outros profissionais (os bibliotecários, por exemplo), a pesquisa constitui-se em papel fundamental na formação desses indivíduos. Isso por que tão importante

quanto elaborar conhecimentos nos diferentes contextos de atuação, precisamos ter como prática formular questões acerca do aprendizado em construção, das correlações propiciadas pela atividade de pesquisa a fim de que se possa redimensionar constantemente a prática educativa. A formação de professores deve promover a base do conhecimento pedagógico especializado (IMBERNÓN, 2011), pois, dos professores, será exigido que saibam utilizar as ferramentas didáticos-pedagógicas, além do trabalho com os conteúdos curriculares, aplicando-os concomitantemente a produção do conhecimento (RAMALHO; FIALHO; NUÑEZ, 2014).

Isso faz da pesquisa uma atividade que permita questionar as condições de atuação dos pedagogos, pois precisamos ter como referência a formulação de questões relativas ao aprendizado, a fim de que se possa redimensionar constantemente a prática dos sujeitos, transcendendo a ideia que limita a ciência à produção de respostas circunstanciais ou, muitas vezes utilitaristas.

No contexto da biblioteca, quando os sujeitos se apropriam de saberes sobre o que pretendem investigar, a pesquisa bibliográfica novamente emerge como alternativa emancipatória. Surge, então, a necessidade de compreender como as formas de recuperação e organização da informação necessárias ao empreendimento de construção do conhecimento científico são condicionadas um imaginário instrumental. Essa busca e recuperação de informações pode ser entendida como uma das etapas do processo de pesquisa bibliográfica. Dessa forma os educandos podem ter um panorama geral sobre a problemática que estão se propondo estudar, assim como sobre a produção intelectual na qual está envolto seu objeto de estudo. Para Lopes (2002, p.61)

[...] no âmbito da recuperação da informação, a estratégia de busca pode ser definida como uma técnica ou conjunto de regras para tornar possível o encontro entre uma pergunta formulada e a informação armazenada em uma base de dados. Isto significa que, a partir de um arquivo, um conjunto de itens que constituem a resposta de uma determinada pergunta será selecionado.

No processo de formação dos profissionais da educação de pesquisadores os conhecimentos sobre fontes, estrutura e organização da informação podem ser incorporados aos currículos dos cursos. Isso por que

A formação inicial deve proporcionar aos licenciandos um conhecimento que gere uma atitude que valorize a necessidade de uma atualização permanente em função das mudanças que se produzem, e fazê-los criadores de estratégias e métodos de intervenção, cooperação, análise, reflexão e a construir um estilo rigoroso e investigativo (PEREZ, 1999, p. 271)

Balizado na possibilidade de apropriação e materialização de processos de investigação e de pesquisa, participação ativa e crítica dos usuários na biblioteca, desse modo, é de fundamental importância para a composição de um circuito virtuoso de pesquisa. Para Lopes (2002), os usuários precisam conhecer, detalhadamente, o processo

de organização e de informatização da biblioteca. Ressalta o autor que assim “[...] eles poderão participar ativamente das ações, compreendendo sua complexidade, as limitações das bases e as interações que devem ser efetuadas para o alcance dos resultados desejados da busca” (LOPES, 2002, p. 63). Ademais é preciso que a biblioteca seja compreendida não como espaço que salvaguarda de fontes de informação. É necessário, pois, entendê-la como ambiência didático-pedagógica articulada às demais instâncias da instituição de ensino e aberta à comunidade.

Significa dizer que o aluno possa ter autonomia para lidar com os recursos informacionais que encontram-se disponibilizadas em plataformas digitais. Buscamos dessa forma propor um novo sentido para que sua formação seja fundamentada em uma perspectiva dialética, analítica, sistematizadora, crítica; possibilitando que o educador tenha sua formação baseada na convergência entre suas construções teóricas, sua prática educativa e sua concepção de educação. Além disso que o pedagogo compreenda que a biblioteca deixe de ser um local depositário de informações para se tornar um ambiente de dinamização das formas de aprender, de disseminar, multiplicar e catalisar demandas de informação a partir das necessidades dos seus educandos. A concretização dessa proposta depende da associação de esforços coletivos na tentativa de aproximação entre dois campos do saber: a biblioteconomia e a educação.

É urgente, avaliar as implicações que as novas tecnologias imprimem ao dia-a-dia das bibliotecas, pois, da mesma forma que as novas tecnologias da informação e comunicação podem contribuir para a condução de um processo educativo enriquecedor e formador de sujeitos autônomos, podem também ser determinantes no empobrecimento e na perpetuação de uma cultura descompassada com as necessidades de mudanças educativo-culturais.

Como a biblioteca em meio ao processo educativo tem contribuído com muita parcimônia para um rompimento acerca de uma retificação educativa, é fundamental que os professores, durante sua formação, possam utilizar a biblioteca universitária como mecanismo voltado à pesquisa; subsidiando a produção de conhecimento necessário no sentido de superar as deficiências de suas práticas, atentando para a construção de uma autoformação crítica e reflexiva centrada na pesquisa. O objetivo principal desta articulação é uma educação para a emancipação, cuja estruturação se encontra limitada por condições material e humana objetivas. Isso não impossibilita a tentativa de concretização e de alternância dessa realidade, tendo em vista que a biblioteca ainda deve ser identificada como alternativa de oposição e resistência quanto à esterilidade educacional, principalmente quando entendida como local de apreensão formal de saberes vinculados às fontes de informação, articuladas à dinâmica da pesquisa.

3 METODOLOGIA

Estudo aplicado, exploratório-descritivo, de abordagem qualitativa que analisou a utilização de recursos eletrônicos e digitais de informação na formação de professores.

Com o intuito de mapear a realidade das universidades quanto ao tema proposto e selecionar as instituições e sujeitos envolvidos neste trabalho, realizamos um estudo preliminar, que consistiu no levantamento de informações acerca das universidades do Estado do Rio Grande do Sul quanto às suas dependências administrativas, suas

características institucionais, estrutura das bibliotecas, serviços bibliotecários, recursos eletrônicos de informação disponibilizados e cursos de licenciatura existentes.

Para situar a presente pesquisa frente à formação de professores, foram efetuadas análises dos desenhos curriculares dos cursos de pedagogia da UFRGS, da PUCRS e da UPF, através das ementas das disciplinas dos cursos; buscando-se evidenciar em quais disciplinas a biblioteca aparecia como conteúdo de forma explícita.

A opção em trabalhar com bibliotecas universitárias de diferentes naturezas administrativas (pública-UFRGS, comunitária-UPF e privada-PUCRS) se efetivou em decorrência da busca de uma maior variedade de informações que permitissem a análise de diferentes realidades institucionais quanto ao papel da biblioteca como espaço didático-pedagógico. Desse modo, as três instituições escolhidas reuniram características necessárias ao estudo, dentre elas: quanto à diferente natureza administrativa; quanto aos recursos eletrônicos mais comumente utilizados pelos bibliotecários de referência semelhantes selecionados e disponibilizados nas bibliotecas; quanto à existência do curso de pedagogia como uma das alternativas voltadas à formação de professores.

No tocante aos recursos eletrônicos nas três instituições, foram selecionados seis instrumentos de recuperação de informações, quais sejam: os catálogos das bibliotecas, visto que todas trabalham com o sistema Aleph; o Scielo, a base de dados ERIC; os *sites* da área de pedagogia disponibilizados nas *homepages* dessas bibliotecas; a Biblioteca Virtual de Educação do Prossiga e o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas (CCN).

Realizada a etapa da análise das ementas, optamos por algumas decisões metodológicas, envolvendo, a princípio, a realização de uma pesquisa bibliográfica referente à temática em discussão. Concomitantemente, elaboramos três questionários aplicados com diferentes sujeitos da pesquisa: alunos de graduação, professores e bibliotecários das três instituições. Desse modo, os sujeitos da pesquisa foram assim caracterizados: a) 60 alunos de graduação do curso de pedagogia, assim distribuídos: 20 da UPF, 20 da UFRGS, 20 da PUCRS. Os primeiros 20 graduandos-alunos que responderam ao questionário são estudantes do sétimo semestre. Os outros 40 pertencem ao sexto semestre do referido curso das respectivas instituições; b) oito professores das três instituições (três da UFRGS, três da PUCRS, dois da UPF). Destes professores, quatro deles atuam na disciplina de “Pesquisa em Educação”; destes quatro, dois são da UPF, um da PUCRS e um da UFRGS. Os outros quatro profissionais foram escolhidos aleatoriamente: dois da UFRGS e dois da PUCRS; c) cinco bibliotecários que atuam no serviço de referência das bibliotecas das três universidades selecionadas, distribuídos da seguinte forma: dois da UFRGS, dois da PUCRS e um da UPF.

A escolha dos sujeitos da pesquisa levou em consideração a possibilidade de uma análise que auxiliasse a problematizar os diferentes olhares em torno do objeto de estudo desta pesquisa. Quanto aos instrumentos de pesquisa, esses consideraram os seguintes aspectos: a) Questionário de avaliação – alunos de graduação. Neste primeiro instrumento de pesquisa, os sujeitos foram questionados quanto ao uso para a pesquisa de determinados recursos eletrônicos de informação e a sua concepção no que tange à biblioteca como local de aprendizado e formação profissional; b) Questionário de avaliação – professores. Aplicado aos professores, verificou-se a utilização dos recursos eletrônicos mais utilizados por esses sujeitos no contexto do ensino. Buscou-se também

identificar se estes entendem a biblioteca universitária como propícia à novas formas de aprendizado, através da pesquisa e se ocupam este espaço e seus recursos para suas atividades de ensino; c) Questionário de avaliação – bibliotecários. Neste último questionário, verificamos se estes sujeitos entendem a biblioteca como espaço de ensino e se ela tem cumprido seu papel educativo.

Baseado nas respostas dos sujeitos pesquisados, foram avaliadas as concepções acerca da relação entre biblioteca e educação. Além disso, buscamos compreender se as alunas de graduação usam os recursos eletrônicos de informação disponibilizados pela biblioteca, assim como se os professores pesquisados as utilizam como espaço de ensino, através da busca e recuperação de informação nesses recursos. A análise qualitativa da pesquisa possibilitou, conforme diz Minayo (1994, p. 22), trabalhar “[...] com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Na análise dos dados, levamos em consideração as respostas dos sujeitos da pesquisa voltadas às categorias de: pesquisa, biblioteca, recursos eletrônicos de informação, currículo, formação de professores. As evidências encontradas permitiram propor um estudo que avaliou e refletiu sobre o grau de utilização dos recursos eletrônicos de informação e, ao mesmo tempo, trouxe elementos à compreensão, análise e interpretação das concepções que professores, alunos e bibliotecários possuem quanto ao papel didático-pedagógico da biblioteca e suas possibilidades tanto na produção do conhecimento (pesquisa) quanto na participação efetiva como espaço de ensino.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Na fase de interpretação, compreensão e análise dos dados, para efeito de organização, partimos dos questionários aplicados aos alunos de graduação do curso de pedagogia. Posteriormente nos dedicamos à interpretação e compreensão das falas e dos dados coletados junto aos professores. Por fim, foram tecidas reflexões em torno dos dados obtidos através de questionários aplicados no contexto em que atuam os bibliotecários.

No que concerne aos alunos de graduação, o questionário foi composto de 15 questões. Ao questionar as discentes acerca do entendimento sobre pesquisa, a maioria apontou a produção de conhecimento como principal concepção. Dentre as 60 estudantes, 50 ratificam a ideia de pesquisa como construção/elaboração do conhecimento. A perspectiva anunciada acerca da concepção de pesquisa reafirma-se também nas respostas das alunas ao anunciarem a finalidade da utilização dos recursos eletrônicos. Conforme indicam as respostas, 29 utilizam os recursos como uma das possibilidades de pesquisa; 19, como ensino e pesquisa e as demais utilizam os recursos para a execução de atividades de extensão, ensino, pesquisa na elaboração de trabalhos individuais. Isso revela que, ainda que sem orientação, os recursos são utilizados autonomamente pelas alunas. A pesquisa fundamentada em recursos eletrônicos e digitais na visão das alunas, configura-se como uma das alternativas de desenvolvimento a ser realizada no espaço da biblioteca, o que significa dizer, nas palavras de Freire (1996, p. 29) que

[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, procurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade.

A perspectiva freireana de ensino-pesquisa é reafirmada por seis alunas ao anunciarem que a pesquisa é uma atividade também vinculada ao ensino. Compreender a pesquisa numa perspectiva mais ampla, conforme aponta a maior parte dos participantes do estudo, implica considerar a formação de professores intimamente relacionada ao ato de investigação, ato este entendido como eixo articulador do currículo dos cursos de formação. E para que a biblioteca seja esse espaço didático-pedagógico na construção do conhecimento, os sujeitos da pesquisa apontaram algumas sugestões necessárias à sua qualificação, quais sejam: a) incentivar e estimular o uso formal da biblioteca, b) desenvolver aulas em interação com os recursos da biblioteca, c) acessar as diversas fontes de informação da biblioteca, d) melhorar o atendimento através da qualificação de funcionários, e) dispor de maior número de computadores, f) ordenar de forma mais simples o acervo, g) esclarecer a comunidade educativa sobre o funcionamento da biblioteca, h) disponibilizar maior tempo de estudo no espaço da biblioteca, i) tornar o espaço da biblioteca prazeroso na produção do conhecimento, j) qualificar o acervo, k) ampliar o espaço da biblioteca, l) incluir a biblioteca no currículo dos cursos de formação de professores.

As sugestões dadas pelas alunas possibilitam que se sejam algumas inferências, tais como: a ausência de incentivo no uso desse espaço de formação cultural, de aulas que envolvam recursos de informação disponibilizados pela biblioteca; o pouco uso de fontes de informação; a necessidade de melhor formação para os funcionários; a dificuldade de acesso aos recursos, obras, livros, periódicos. Também foi possível verificar que a biblioteca, em alguns casos, ainda permanece como um espaço não lúdico, sem vida, caracterizado pela salvaguarda livros e outros materiais organizados através de sistemas pouco inteligíveis. De acordo com Silva (1999, p. 60) “[...] muitas vezes, a disposição das obras nas estantes segue mirabolantes códigos e símbolos que fogem à compreensão do aluno e do professor. Desorientado, confuso, perdido, o usuário fracassa na sua busca, posto que nem sempre há um profissional disponível para orientá-lo”.

Para as alunas, a concepção de biblioteca varia entre dois conceitos. Dos 60 sujeitos pesquisados, 23 acreditam que a biblioteca é um recurso não necessariamente vinculado ao currículo dos cursos de pedagogia. Por sua vez, 37 afirmam que é um recurso didático vinculado a um determinado número de disciplinas. Isso demonstra que a maioria considera fundamental a discussão e articulação acerca da biblioteca ao longo do processo de formação, visto que este espaço continua muitas vezes sendo compreendido como espaço que propicia a circulação de materiais. De acordo com Melwin Dewey apud (Silva, 1993, p.77).

Foi-se o tempo em que a biblioteca se parecia com um museu e o bibliotecário era um catador de ratos entre livros embolorados e os

visitantes olhavam com olhos curiosos tomos e manuscritos antigos. Agora a biblioteca é como uma escola e o bibliotecário é, no mais alto sentido, um professor.

Quanto ao conhecimento dos recursos disponíveis na biblioteca, das 60 pesquisadas, 19 conhecem apenas os catálogos em linha das bibliotecas; outras 17, somente *sites* da *homepage*, enquanto 18 delas conhecem ambos os recursos. Os outros seis respondentes estão distribuídos na combinação dos demais recursos eletrônicos e digitais elencados.

No que concerne aos recursos utilizados em trabalhos acadêmicos pelas alunas de graduação, verificamos que apenas oito delas se utilizam dos catálogos de bibliotecas, dez dos *sites* da *homepage* e 14 usam ambos os recursos. Os dados revelam que apesar de conhecerem muitos dos recursos, a maioria das alunas não costuma utilizá-los em suas atividades acadêmicas.

Ao serem questionadas quanto à utilização dos recursos eletrônicos e digitais sob a orientação de algum professor, percebemos que 39 alunas estabeleceram processos de busca de informação sem a orientação de algum docente; 15, sob a orientação de professores do curso de pedagogia; seis sob a orientação de professores de outro curso. Embora os professores explicitem a importância do espaço da biblioteca, evidenciamos que a relação ensino-pesquisa, nesse contexto, ainda está centrada em uma perspectiva informal. Esses aspectos apontam para projeções acerca do instrumental conhecimento que tanto professores quanto alunos ainda têm acerca desses recursos. Essas informações remetem à exigência de investimentos no processo de formação inicial e continuada de professores e, ao mesmo tempo, à articulação entre ensino, pesquisa e conhecimentos de biblioteconomia nos currículos dos cursos, concomitantemente materializados no cotidiano das práticas pedagógicas dos sujeitos.

A quase inexistência de aulas na biblioteca ficou comprovada pelas respostas das alunas ao indicarem que 21 raramente têm aulas nesse espaço, somados aos 39 que nunca tiveram aulas ministradas na biblioteca. Depreendemos desses dados que, embora considerem a biblioteca como espaço de construção do conhecimento, concretamente, professores, alunos de graduação e bibliotecários mantêm posturas que não privilegiam a produção coletiva de conhecimento.

Para aprender a consultar através dos recursos eletrônicos e digitais disponibilizados pela biblioteca, 27 alunas afirmaram buscar ajuda com um atendente de biblioteca; sete somente com o bibliotecário; cinco, com outra pessoa; seis, com bibliotecário e atendente de biblioteca; sete, com o atendente de biblioteca e outra pessoa, concomitantemente. Os outros oito respondentes distribuíram-se nas demais alternativas. Fica evidente, a partir da análise desses dados, que os cursos de pedagogia ainda não incorporaram às suas práticas cotidianas conhecimentos básicos em torno dos recursos eletrônicos e digitais de informação. Revela-se também que o treinamento do usuário, em geral realizado no primeiro semestre do curso, é insuficiente, no sentido de possibilitar a compreensão da importância do serviço de referência, assim como a construção da autonomia de alunos de graduação, no que se refere, sobretudo, à utilização desses recursos.

Corroborando com os resultados que revelam que as alunas não têm frequentemente aulas ministradas na biblioteca, é possível visualizar um panorama quanto ao uso dos recursos eletrônicos de informação. Apenas um aluno, de uma das instituições respondeu ter sempre atividades de ensino-aprendizado voltadas à recuperação de informações em recursos eletrônicos e digitais. Vinte e quatro alunos do total das três instituições disseram ter tido, eventualmente, essas atividades acadêmicas e sendo que 35 responderam, categoricamente, que nunca tiveram, durante suas aulas, atividades centradas em recursos de informação eletrônicos e digitais da biblioteca. Esses dados possibilitam inferir que a biblioteca continua não sendo espaço de ensino formal e que as facilidades e potencialidades advindas das tecnologias da informação e comunicação ainda não conseguiram engendrar alternativas para conformação de uma nova cultura educativa a partir da biblioteca.

Procurando identificar o número de alunas que utilizam com facilidade os catálogos de bibliotecas como fonte de pesquisa, verificamos, que dos 60 sujeitos da pesquisa, 28 disseram utilizá-los com facilidade pelo fato de: a) o catálogo ser de fácil acesso, permitindo rapidez na pesquisa; b) buscar livros indicados pelos professores; c) fundamentar-se teoricamente; d) utilizá-lo como espaço significativo para a pesquisa. Os outros sujeitos – 32 – disseram não utilizá-los facilmente, justificando com as seguintes razões: a) dificuldade de encontrar o material bibliográfico nas estantes; b) alguns funcionários não acessíveis; c) bibliografia sempre indicada pelo professor; d) nomenclatura distante do entendimento. Nas respostas dadas evidenciamos que ainda existe uma tradicional concepção de formação dos professores, fundamentada na busca de materiais indicados pelo professor.

O Serviço de Comutação Bibliográfica (COMUT) foi indicado por 53 das alunas como um dos recursos que elas desconhecem; cinco mencionam conhecer, mas nunca o utilizaram, e apenas uma revelou saber do que se trata e que efetivamente, o utilizou. Importa ressaltar que a dinâmica em que está envolvido o processo de comutação bibliográfica possibilita que o aluno entenda a dimensão de como se estruturam os recursos eletrônicos de informação, dissociando-o da relação do acervo bibliográfico, convencionalmente estruturado em bibliotecas.

No que tange ao lugar ocupado pela biblioteca nos currículos dos cursos de pedagogia, 38 das alunas de graduação afirmaram que esta deve ser um recurso didático vinculado a um determinado número de disciplinas. Em oposição, 22 delas declararam que a biblioteca não é um recurso que deva estar vinculado ao currículo. Inferimos, com base nas respostas dadas, que a maioria das alunas entende a importância e a necessidade de vinculá-la à dinâmica dos cursos de formação.

Até o presente momento, analisamos informações oriundas dos questionários aplicados a alunos de graduação. A partir de agora, com base na sistematização do instrumento de pesquisa aplicado aos bibliotecários, buscaremos compreender o olhar que esses têm sobre o espaço da biblioteca. Dentre as questões a serem compreendidas, encontram-se aquelas voltadas ao significado de pesquisa, de biblioteca, da função do bibliotecário. Portanto, foram elencadas algumas reflexões em torno de contribuições que melhor esclarecem o objeto de estudo. Os bibliotecários quando questionados sobre a biblioteca como espaço de ensino, de maneira unânime, explicitam que a biblioteca deva

ser concebida como local de ensino, através dos recursos didáticos de que dispõe. Em uma das respostas, fica evidente a necessidade de que apenas alguns tipos de atividades seriam viáveis em relação a interação do usuário com a biblioteca. Os resultados, em sua maioria, apontaram para a ausência de atividades acadêmicas de ensino-aprendizado por parte dos professores no espaço da biblioteca.

Versando sobre o entendimento do vocábulo “pesquisa”, dos cinco sujeitos questionados, dois a concebem como uma atividade vinculada ao ensino; um como uma atividade vinculada à pós-graduação; um como produção de conhecimento e um como atividade tanto ligada ao ensino quanto à pós-graduação e à produção do conhecimento. Com base nas respostas dos bibliotecários, podemos inferir que a pesquisa apresenta diferentes dimensões, sendo compreendida ora como articulação ensino-pesquisa, ora como associação apenas à pós-graduação, ora como elaboração sistematizada do conhecimento científico, ora como eixo articulador da prática dos profissionais. Isso revela, de um lado, uma concepção ampla de pesquisa; de outro, uma concepção ainda restrita, ao ser associada, por exemplo, apenas ao ensino ou à pós-graduação.

Quanto à área de identificação da atuação dos bibliotecários, dois deles responderam que se identificam como profissionais unicamente vinculados às áreas de tecnologia da informação e da educação. Os outros três definiram-se como profissionais vinculados às áreas de educação, administração e tecnologias da informação ao mesmo tempo. Essas respostas apontam para uma concepção ampla da função do bibliotecário, o que se revela em uma das falas dos sujeitos da pesquisa ao afirmar: “atualmente o bibliotecário exerce atividades ligadas à tecnologia da informação, tem um caráter educativo com relação aos seus usuários e também trabalha com a questão administrativa, principalmente com relação às tarefas e pessoal da biblioteca (Bibliotecário A)”. Dessa forma, podemos afirmar que o processo de identificação dos profissionais a uma determinada área de atuação se encontra fundamentado muito mais pela relação de trabalho construída seu cotidiano do que propriamente pela identificação oriunda da formação profissional desses sujeitos, o que possibilita afirmar também que a formação dos bibliotecários pouco lhes permite autoreferenciar o seu papel educativo.

Discorrendo sobre o treinamento dos usuários, fica evidente que, apesar de todos os bibliotecários afirmarem que as bibliotecas efetuam treinamento de usuário regularmente, duas das respostas indicam que esses treinamentos só ocorrem através de um pedido formal por parte de professores ou alunos. Nesse caso é reafirmada a dinâmica na qual os usuários devem se reportar à biblioteca para aprenderem a utilizar os recursos informacionais disponibilizados. Isto revela que, na relação biblioteca-usuário, a instituição continua pensada como lugar em que os alunos de graduação buscam instrumentalização para sua formação por meio de diferentes recursos de informação salvaguardados. Como percebemos, as respostas são indicativas de que, por mais que hajam esforços no sentido de a biblioteca se tornar um local de aprendizado, esse aprendizado não se materializa no vínculo com trabalho dos bibliotecários.

Organizando as respostas obtidas, encontramos no universo de cinco, quatro compreendendo o treinamento de usuário como atividade que não possibilita aos sujeitos uma relação de autonomia para consultar os recursos de informação disponíveis no contexto da biblioteca sem que a mesma se consolide sem o auxílio de um profissional.

Embora em uma das universidades não se tenha obtido resposta, é preciso entender que os treinamentos de usuário nas instituições pretendem, na maioria das vezes, instrumentalizar os sujeitos quanto à busca e à recuperação de informações, os serviços, os produtos e o funcionamento dessas unidades de informação. Essa questão do treinamento para o aluno de graduação é um elemento recorrente na visão dos bibliotecários. Conforme revelam os dados, o treinamento é basicamente direcionado para acadêmicos do primeiro semestre. Trechos transcritos a seguir ilustram afirmações feitas pelos participantes do estudo:

Em decorrência de ser calouro para melhor proveito no uso das ferramentas do SABI/ALEPH, bem como manuseio e uso do acervo (Bibliotecário A).

Todo início de semestre é efetuado um treinamento dos recursos da biblioteca com os calouros da Universidade (com solicitação dos professores) visando uma melhor utilização e aproveitamento de todos serviços oferecidos pela biblioteca. (Bibliotecário B).

Para qualificá-los do uso de seus recursos e serviços para que utilizem de forma ampla o que a biblioteca dispõe (Bibliotecário C).

Necessidade de "mostrar" os recursos (Bibliotecário D).

As afirmações apontam para a necessidade de que sejam propiciados fluxos de informação e comunicação dinâmicos no âmbito não só da biblioteca como também das instituições, transformando esses espaços não formais em espaços de práticas e processos educativos que relacionem pesquisa e ensino. Esses fluxos, por sua vez, estão diretamente articulados à prática da pesquisa enquanto eixo de permanente formação. Ao verificarmos para quais recursos os bibliotecários encaminham com maior frequência as alunas dos cursos de pedagogia, identificamos que um encaminha para o Scielo, o catálogo da biblioteca e sites da *homepage* da biblioteca, respectivamente; um, para o catálogo da biblioteca e setor de periódicos; um, para Eric, Scielo e catálogo da biblioteca. Dentre as ocorrências, houve uma em que o quarto bibliotecário combinou diferentes alternativas de fontes de informação como a bases de dados, quais sejam: Eric, os sites da *homepage da biblioteca e o catálogo on-line*. Embora não se tratasse de uma questão aberta, ao lado da opção “Bases de dados Eric”, entre parênteses, o quarto participante da pesquisa escreveu a expressão “*alunos de pós-graduação, não para alunos de graduação*”, observando também, logo a seguir, que direcionava os alunos para o catálogo, combinando-a também com a opção “*sites da homepage da biblioteca*”. Podemos afirmar, desse modo, que, na concepção desse sujeito, a pesquisa nas bases de dados são recursos basicamente vinculados às atividades de pós-graduação, o que implica conceber que a pesquisa seja exclusividade de um nível formativo que não o da formação de professores. De outro modo, a resposta do quinto sujeito permite identificar um segundo viés no qual o bibliotecário se omitiu de marcar as questões objetivas, preferindo escrever ao lado da questão sua opinião, a seguir transcrita:

Depende muito do que o usuário está procurando. Como nosso acervo é separado do setor de multimeios, normalmente, quando ele deseja fazer

pesquisas em artigos, automaticamente ele se encaminha para as bases de dados, caso contrário, ele vem diretamente à procura de livros” (Bibliotecário A).

O fragmento transcrito permite perceber que existe uma notória compartimentalização do espaço da biblioteca, de tal forma que essa estrutura legitima o distanciamento entre bibliotecário e usuário, reforçando uma relação mecanizada e tecnicada de compreensão da correlação entre as informações. A separação/setorialização e a tecnificação das atividades, produtos e serviços no contexto não só da biblioteca, mas também da educação, são veementemente criticadas por autores como Adorno (2000), Habermas (1994), Freire (1987), Morin (2001). Comentando a ideia de fragmentação, o último registra:

Nossa civilização e, por conseguinte, nosso ensino privilegiaram a separação em detrimento da ligação, e a análise em detrimento da síntese. Ligação e síntese continuam subdesenvolvidas. E isso porque a separação e a acumulação sem ligar os conhecimentos são privilegiadas em detrimento da organização que liga os conhecimentos. Como nosso modo de conhecimento desune os objetos entre si, precisamos conceber o que os une. Como ele isola os objetos do seu contexto natural e do conjunto do qual fazem parte, é uma necessidade cognitiva inserir um conhecimento particular em seu contexto e situá-lo em seu conjunto (MORIN, 2001, p. 24).

Referindo-se à utilização das bases de dados, quatro dos sujeitos apontaram que todos devem utilizar os recursos eletrônicos disponíveis no contexto da biblioteca. Apenas um dos bibliotecários declarou que somente alunos e professores deveriam utilizá-los. Verificamos que, em sua maioria, os bibliotecários reconhecem a importância das bases de dados como recursos eletrônicos de informação.

De outro modo, ao serem questionados sobre o papel da biblioteca na execução do projeto político-pedagógico da instituição, cada um deles apresentou diferentes alternativas: a) interação entre professores, núcleos e disciplinas para que possa oferecer recursos; b) suporte para a geração de conhecimento/orientação para questionamentos científicos; c) suporte (meio) para a plena execução do Projeto Político-Pedagógico; d) disponibilização e divulgação do acervo; e) desenvolvimento de projetos realizados pela instituição. Com base nas respostas dadas pelos sujeitos, podemos inferir que a biblioteca é vista meramente como meio que dá suporte às atividades acadêmicas desenvolvidas na instituição. Para superar essa visão restrita de biblioteca, é necessário projetar a democratização do ensino, da educação; assumindo a biblioteca como instância articulada à dinâmica de um processo educacional emancipatório, crítico, dialógico, ou seja, como escreve Araújo (1986, p. 106), “[...] a biblioteca [...] deve extrapolar o caráter conservador e armazenador da informação, passando a agir como um centro de aprendizagem dinâmica e participativa”.

Questionados sobre como a biblioteca deve ser concebida nos currículos dos cursos de pedagogia, três dos sujeitos apontaram que deva ser um recurso vinculado à

determinado número de disciplinas, ao passo que os outros dois acreditam que deve ser um recurso não necessariamente vinculado ao currículo. Embora a biblioteca esteja presente na ementa de uma apenas uma das disciplinas do curso de pedagogia, dentre as três universidades, evidenciamos que mesmo nessa instituição, a biblioteca é apenas "formalmente" compreendida como local de ensino-aprendizado ao longo da formação de pedagogos, nem tampouco utilizada como espaço didático-pedagógico na produção do conhecimento.

Para redimensionar e qualificar a biblioteca enquanto espaço educativo, os sujeitos da pesquisa sugeriram: a) *"divulgar e disponibilizar informações/se isso acontece a eficácia é plena"*; b) *"divulgação do material e treinamento"*; c) *"espaço junto às coordenações/unidades para atividades extracurriculares"*; d) *"trabalho unificado com unidades"*. Depreende-se, com base nessas sugestões, que existe uma visão limitante quanto ao papel da biblioteca. As respostas permitem inferir que de um lado, continua sendo vista como um mero suporte nas sugestões "a" e "b"; de outro, já se aponta para articular este espaço à dinâmica interna da instituição, nas sugestões "c" e "d". Compreender o espaço da biblioteca baseado nas contribuições de outros sujeitos da pesquisa – os professores – passa, a partir de então, a ser tarefa aprofundada tendo-se como referência a análise de oito questionários aplicados no desenvolvimento da investigação.

Quanto à utilização dos recursos eletrônicos de informação em suas atividades de pesquisa no processo ensino-aprendizado, apenas dois professores utilizam em suas pesquisas a base de dados Eric. No que se refere ao Scielo, nenhum dos professores das três instituições pesquisadas mencionou utilizá-la para suas pesquisas. Isso indica, de certa forma, que esses recursos continuam sendo pouco explorados e, se não são utilizados pelos docentes, dificilmente eles indicarão para o uso dos alunos. Esse indicativo revela a necessidade de se implementar no contexto da biblioteca um processo voltado à formação dos sujeitos, no sentido de articular os recursos eletrônicos e digitais de informação à sua prática cotidiana, passando, dessa maneira, a dominar alternativas de busca e uso de informações.

Ao fazerem referências às atividades didáticas ministradas na biblioteca através desses recursos, metade dos professores revelou desenvolver atividades neste local, afirmando: *"acho importante o contato do aluno com a biblioteca, para achar as informações"*; *"porque eles aprendem a explorar os múltiplos recursos que a biblioteca oferece"*; *"para vivenciar a prática de pesquisa/para ter um contato mais profundo com as novidades no campo teórico em educação/ contato mais próximo com o 'corpo textual' da produção"*. A outra parcela (quatro professores) não previu essas atividades como parte de sua prática docente. Para a não-realização de atividades no contexto da biblioteca foram apresentadas as seguintes justificativas:

a) *algumas vezes, mas pouco por que o tempo em sala de aula para discussão é limitado;* b) *porque os alunos com quem trabalho já participaram de atividades cuja finalidade era apresentar os serviços de biblioteca oferecidos aos alunos da UPF e, além disso, porque o volume de conteúdos é grande, havendo pouco tempo disponível para isso;* c) *as*

atuais condições materiais não permitem esse tipo de iniciativa; f) direto pela rede; g) as buscas bibliográficas são feitas em grupo ou individualmente fora do horário de aula.

Embora, também de forma unânime, os professores entendam que a biblioteca deva ser utilizada como local de ensino-aprendizado, as respostas mostram que algumas ressalvas são feitas às atividades de ensino nas bibliotecas, revelando, assim, a necessidade de se repensar a estrutura da biblioteca pelo fato de ainda permanecer na maioria das vezes, em razão, ilhada no contexto da dinâmica da instituição.

O entendimento que os professores têm acerca da atividade de pesquisa possibilita depreender que dos oito professores, três indicaram a pesquisa como produção de conhecimento; um considera esta uma atividade vinculada ao ensino; para outro a pesquisa é a conjunção de ensino, pós-graduação e a produção do conhecimento; um entende a pesquisa como a combinação de ensino, produção de conhecimento e consulta a informações bibliográficas; um concebe-a, sobretudo, como a justaposição de ensino, produção de conhecimento e prática docente; um compartilha da ideia de que se constitui como a justaposição de ensino, pós-graduação, produção de conhecimento e prática docente e um, ainda, a compreende como *“a descoberta do ser investigativo que somos e, como isso, se reflete no mundo do cotidiano”*. Todas essas diferentes concepções acerca da pesquisa indicam a complexidade que a envolve; sua amplitude, que perpassa os diferentes níveis de ensino, e a impossibilidade de resumi-la a um conceito ou a uma instância educativa, demonstrando que as alterações que a pesquisa engendra transcendem a relação educativa e se instauram na prática pedagógica dos indivíduos.

Também responderam, num total de sete dos oito professores, que a atividade de pesquisa na biblioteca é imprescindível para sua prática docente, enquanto apenas um dos professores entende que a pesquisa na biblioteca não interfere no andamento de sua prática. Isso revela a importância da pesquisa não só como produção científica, mas sobretudo relacionada ao contexto de produção do conhecimento. Mais do que isso; é um dado relevante na medida em que os professores utilizam o processo de ensino também como processo de pesquisa, uma vez que, pela sua própria natureza, esse processo é indissociável. Lüdke (1997, p. 115) reforça a ideia de pesquisa na formação de professores com as seguintes palavras:

Seria altamente recomendável que [...] professores tivessem em sua formação oportunidades com contatos com pesquisas e pesquisadores, por intermédio de seus próprios professores, que não fossem meros repetidores de um saber acumulado e cristalizado, mas testemunhas vivas e participantes de um saber que se elabora e reelabora a cada momento, em toda parte.

A facilidade quanto à utilização do catálogo permite que se mencione o fato de que seis, de um total de oito professores utilizam com facilidade os catálogos da biblioteca da sua instituição em decorrência de serem *“virtuais”*, *“acessíveis”* e *“atualizados”*, não havendo *“problemas”*, sendo bastante práticos. No entanto, uma das justificativas aponta que essas buscas são feitas a partir dos *“conhecimentos básicos”* que esse professor tem

acerca do catálogo da biblioteca. Ainda, desses um indicou que *“quando tenho dúvidas os funcionários auxiliam”*.

O professor que respondeu não utilizar com facilidade os catálogos justificou que o faz *“de vez em quando porque tenho uma boa base em casa”*. Essa resposta pode ser consequência de uma visão que se fecha em si mesma, levando os professores a utilizarem apenas os recursos que já conhecem e dominam. Também pode demonstrar um conceito limitado de biblioteca e da informação produzida na área. Entretanto, numa perspectiva mais positiva essa resposta pode indicar que esse mesmo professor domina recursos de informação de tal forma que não seria necessário que o mesmo vá até a biblioteca para acessá-los.

A utilização do serviço de comutação bibliográfica (COMUT) como uma das questões avaliadas indicou que apenas a metade dos professores costuma utilizar esse recurso como mecanismo de obtenção de materiais bibliográficos. Mesmo não havendo sequer uma ocorrência de desconhecimento desse serviço, pôde-se comprovar que esse recurso não é utilizado em larga escala, embora todos os sujeitos sejam tanto professores quanto pesquisadores nas instituições em que trabalham.

A solicitação dos professores de treinamento para aprender a lidar tanto com a consulta quanto com as informações bibliográficas permite explicitar que eles procuram os bibliotecários *“quando têm dúvidas”* ou quando *“desconhecem o sistema”*. Os que responderam não pedir treinamento, assim respaldaram suas respostas: a) *“solicito orientações eventualmente, quando necessário. No mais das vezes, movimento-me só e estímulo meus alunos a isso, por conta de considerar essa atividade uma forma de exercício de autonomia”*; b) *“o básico eu mesmo domino”*; c) *“foge ao espaço de minha atuação docente”*; d) *“meu perfil é buscar sozinha. Quando não consigo, busco orientação específica”*. Estas expressões efetivadas pelos participantes da pesquisa podem revelar uma relação ainda instrumental, utilitária entre professores e bibliotecários. Não se evidenciam nas respostas processos de formação e de diálogo entre usuários e bibliotecários percebendo-se como educadores. Uma observação pertinente refere-se à atitude do professor no que diz respeito ao auxílio a ser pedido. Entende-se que explicitamente os professores indicaram que, caso não se encontrem diante de situações problemáticas quanto à busca e à recuperação de informações, não pedirão orientação ao bibliotecário. Nota-se também que o treinamento, nesse caso, se confunde com um auxílio no momento de busca de informações. As negativas quanto à solicitação de treinamento indicam que um dos professores acredita ser suficiente dominar o *“básico”*. Dessa afirmativa pode-se consequentemente inferir que, se apenas o básico por ele é dominado, apenas o básico ele poderá transmitir. Se for correlacionada essa resposta à de outro professor, que entende que a solicitação foge ao espaço de sua atuação docente, pode-se questionar em que medida essas concepções não afastam a biblioteca da vida profissional dos docentes. Um abismo entre biblioteca e prática docente instaura-se, baseado na crença de que dominar o mínimo é suficiente para ensinar e que pedir orientação é uma responsabilidade que teoricamente não compete ao professor. Mas é possível ler positivamente o estímulo dado por um dos professores no sentido de fazer com que os alunos construam sua própria autonomia quanto às possíveis interações que os recursos da biblioteca podem possibilitar. Embora em uma das instituições, dois dos

entrevistados tenham colocado, por escrito, ao lado das alternativas que a biblioteca deva ser vinculada a todas as disciplinas, na mesma instituição os outros três professores foram unânimes em suas assertivas acerca do fato de não entenderem a biblioteca como recurso necessariamente vinculado ao currículo.

Ao se referirem às sugestões para qualificar e dimensionar a atuação da biblioteca, os professores apontaram que esta deve ser, sobretudo, um local vinculado à leitura e à pesquisa. Para isso, necessita-se, segundo eles, de uma melhor capacitação dos profissionais que atuam na biblioteca, de uma maior disponibilidade de tempo por parte dos alunos, superando a cultura dos textos do semestre, bem como da conjugação de aspectos educativos e didáticos, preparando e incentivando os professores para utilizar e sugerir aos seus alunos novas formas de trabalhar o processo ensino-aprendizado.

5 CONCLUSÕES

As discussões efetivadas nas análises permitem defender que é preciso implementar nos contextos de atuação profissional, seja na formação inicial, seja na continuada, nas bibliotecas das instituições de ensino superior a cultura da pesquisa, da investigação, construindo caminhos críticos de entendimento e de intervenção acerca da convergência entre atividades docente e da bibliotecária.

As respostas explicitadas pelos sujeitos da pesquisa (alunas de graduação, bibliotecários e professores) revelam que a biblioteca continua sendo utilizada tão somente como espaço de empréstimo e devolução de itens de informação, ausentando-se de uma direta participação nas atividades que imbricam ensino e pesquisa.

Os bibliotecários, na maioria das vezes, continuam atuando de forma tangencial no processo educativo, caracterizando-se como executores de rotinas instrumentalizadas que sanam dúvidas temporárias de professores e estudantes. Esses profissionais têm uma formação tecnicada que não lhes permite que se identifiquem explicitamente como participantes de atividades educativas formais. Entretanto, os bibliotecários entendem que a biblioteca possa ser espaço de aprendizado, embora não saibam apontar, explicitamente, alternativas para a viabilização desse propósito.

Também é possível que se afirme que a dinâmica educativa estabelecida entre biblioteca e usuários ainda é fundamentada em uma passividade; através da qual o usuário deva buscar a biblioteca para suprir suas demandas informacionais. No contexto em análise, elas se encontram, isoladas das preocupações pedagógicas construídas a partir da sala de aula, sendo poucos os professores que conseguem articular ensino-pesquisa-biblioteca.

Quando vão à biblioteca, os alunos de graduação, na maioria das vezes, seguem parâmetros convencionais e intuitivos de busca e de recuperação de informações, visto que a biblioteca, segundo esses sujeitos, é um espaço organizado de forma bastante complicada. Além disso, existe a necessidade dos profissionais serem qualificados quanto ao seu papel educativo. Os alunos entendem a necessidade de explorar qualitativamente esse espaço e as possibilidades oferecidas pelos recursos das bibliotecas universitárias. Incluída em um círculo vicioso, a biblioteca é mencionada de forma diminuta nos projetos políticos-pedagógicos, nos currículos das disciplinas, nos planos de ensino e nos conteúdos que os compõem.

Evidenciamos que a formação de professores é um processo que subsidia limitada vivência quanto à relação entre pesquisa e a biblioteca universitária, o que acaba por reforçar a realidade de que a biblioteca universitária ainda se constitua em local de recuperação de informação e circulação de materiais para a execução de trabalhos acadêmicos; distanciada da conjuntura e das preocupações epistemológicas inerentes aos principais temas e métodos de pesquisa em educação. Foi possível constatar através deste estudo que além de serem pouco utilizados, os recursos eletrônicos de informação elencados, quase que ainda são desconhecidos da maioria dos usuários. Isso aponta para a necessidade de inserir formalmente nos currículos dos cursos de formação de professores os conhecimentos advindos da biblioteconomia.

O estudo ora desenvolvido corrobora com as inquietações acerca da necessidade de que se repense o papel do bibliotecário para além da perspectiva de mero mediador e disseminador de informações, concatenando sua prática profissional e seu arcabouço de conhecimentos à formação de professores; elemento contributivo para a compreensão e problematização da formação cultural dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANDRÉ, Marli. **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papirus, 2001.

ARAÚJO, A. SISBEC – uma proposta pedagógica. **Boletim ABDF Nova Série**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 106-110, abr./jun. 1986.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1994.

LOPES, Ilza Leite. Estratégia de busca na recuperação da informação: revisão da literatura. **Ciência da Informação**, v. 31, n. 2, p. 60-71, 2002.

LÜDKE, Menga. O professor, seu saber e sua pesquisa. **Educação e sociedade**, Campinas, v.22, n.74. Abr. 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, E. T. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.